



TÍTULO DO TRABALHO

A REVOLUÇÃO IRANIANA: BREVE ANÁLISE COMPARATIVA DAS NOTÍCIAS DE O GLOBO E DE UMA FONTE SECUNDÁRIA

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO
Rafael Bastos Costa de Oliveira	UCP
Viviane Marinho da Costa	UFRJ

RESUMO / PALAVRAS-CHAVE

A pesquisa foi feita no marco das atividades do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Ásia, África e Relações Sul-Sul, coordenado pela professora do Departamento de Ciência Política Beatriz Bissio. A metodologia utilizada foi de estudo histórico e qualitativo. Este trabalho tem como objetivo geral estabelecer um panorama comparativo das notícias veiculadas no Brasil, sobre a Revolução Iraniana e uma reflexão contra-hegemônica sobre o mesmo fenômeno. Em especial, foi privilegiado o olhar sobre as notícias elaboradas em um veículo midiático brasileiro hegemônico (Jornal O Globo – sua versão digital, no mês de Janeiro de 1979, ano do início da revolução). A literatura utilizada foi de Osvaldo Coggiola (2008) – Livro A revolução Iraniana. O objetivo específico foi captar e discutir as mediações políticas, sociais, econômicas, culturais, religiosas e as disputas de hegemonia em questão. A hipótese construída, através dos estudos iniciais realizados, foi que a narrativa da grande mídia brasileira, tendo O Globo como forte expressão, teve como intuito construir uma versão reducionista em relação à complexidade do processo revolucionário. O discurso predominante foi que a revolução tinha um cunho religioso, sendo descrita como uma revolução islâmica. Contudo este enfoque não contempla as diversas mediações (como reforço da identidade iraniana, compulsão social, projeto autônomo de país, dentre outros) que permearam este complexo fenômeno revolucionário. Uma breve análise feita sobre a narrativa do mesmo acontecimento divulgado em outro veículo de comunicação (os Cadernos do Terceiro Mundo¹), possibilita indicar que a mídia hegemônica mundial tratou a Revolução Iraniana de um modo reducionista. Desta forma, O Globo, na ocasião, seguiu esta mesma tendência. Através da leitura de Coggiola (2008), descrevemos os aspectos-chave deste processo. Ele resgata historicamente como diversos acontecimentos com conotação revolucionária estiveram presentes neste território, desde a primeira metade do século XIX. Já no início do século XX, a Revolução Constitucionalista foi um fenômeno importante para impulsionar, posteriormente, a Revolução Iraniana. Também mudanças econômicas (como o início da industrialização, a zona de influencia inglesa, os conflitos societários com alguns os xás e etc.) e as consequentes tensões deste processo contribuíram para o desencadeamento revolucionário. É perceptível que atores distintos (religiosos, xás, operários, partidos) com mediações diversas, ganharam destaque a partir do final de 1978, quando a revolução ganha fôlego. Coggiola (2008) demonstra como este acontecimento foi à primeira revolução televisionada (com cobertura em tempo real) da história humana. Logo, as narrativas dos veículos de comunicação não estavam desprovidas de projetos políticos e societários ao descrever a revolução aqui tratada. Portanto, entender estes acontecimentos, relatados por Coggiola e comparar as perspectivas do O Globo revela-se significativo.

Palavras-chave: Revolução Iraniana; mídia; contra-hegemonia.

¹Foi uma revista brasileira e latino-americana, que durou de 1974 até 2006. Os fundadores foram Beatriz Bissio, Neiva Moreira e Pablo Piancentini. O foco especial da revista era cobrir acontecimentos latinos, africanos, asiáticos e orientais, a partir da perspectiva crítica e não hegemônica.

A REVOLUÇÃO IRANIANA: BREVE ANÁLISE COMPARATIVA DAS NOTÍCIAS DE O GLOBO E DE UMA FONTE SECUNDÁRIA

Rafael Bastos¹
Viviane Marinho²

RESUMO

A pesquisa foi feita no marco das atividades do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Ásia, África e Relações Sul-Sul, coordenado pela professora do Departamento de Ciência Política Beatriz Bissio. A metodologia utilizada foi de estudo histórico e qualitativo. Este trabalho tem como objetivo geral estabelecer um panorama comparativo das notícias veiculadas no Brasil, sobre a Revolução Iraniana e uma reflexão contra-hegemônica sobre o mesmo fenômeno. Em especial, foi privilegiado o olhar sobre as notícias elaboradas em um veículo midiático brasileiro hegemônico (Jornal O Globo – sua versão digital, no mês de Janeiro de 1979, ano do início da revolução). A literatura utilizada foi de Osvaldo Coggiola (2008) – Livro A revolução Iraniana. O objetivo específico foi captar e discutir as mediações políticas, sociais, econômicas, culturais, religiosas e as disputas de hegemonia em questão. A hipótese construída, através dos estudos iniciais realizados, foi que a narrativa da grande mídia brasileira, tendo O Globo como forte expressão, teve como intuito construir uma versão reducionista em relação à complexidade do processo revolucionário. O discurso predominante foi que a revolução tinha um cunho religioso, sendo descrita como uma revolução islâmica. Contudo este enfoque não contempla as diversas mediações (como reforço da identidade iraniana, compulsão social, projeto autônomo de país, dentre outros) que permearam este complexo fenômeno revolucionário. Uma breve análise feita sobre a narrativa do mesmo acontecimento divulgado em outro veículo de comunicação (os Cadernos do Terceiro Mundo³), possibilita indicar que a mídia hegemônica mundial tratou a Revolução Iraniana de um modo reducionista. Desta forma, O Globo, na ocasião, seguiu esta mesma tendência. Através da leitura de Coggiola (2008), descrevemos os aspectos-chave deste processo. Ele resgata historicamente como diversos acontecimentos com conotação revolucionária estiveram presentes neste território, desde a primeira metade do século XIX. Já no início do

¹ Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Católica de Petrópolis.

² Instituto de Nutrição Josué de Castro. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Foi uma revista brasileira e latino-americana, que durou de 1974 até 2006. Os fundadores foram Beatriz Bissio, Neiva Moreira e Pablo Piancentini. O foco especial da revista era cobrir acontecimentos latinos, africanos, asiáticos e orientais, a partir da perspectiva crítica e não hegemônica.

século XX, a Revolução Constitucionalista foi um fenômeno importante para impulsionar, posteriormente, a Revolução Iraniana. Também mudanças econômicas (como o início da industrialização, a zona de influencia inglesa, os conflitos societários com alguns os xás e etc.) e as consequentes tensões deste processo contribuíram para o desencadeamento revolucionário. É perceptível que atores distintos (religiosos, xás, operários, partidos) com mediações diversas, ganharam destaque a partir do final de 1978, quando a revolução ganha fôlego. Coggiola (2008) demonstra como este acontecimento foi à primeira revolução televisionada (com cobertura em tempo real) da história humana. Logo, as narrativas dos veículos de comunicação não estavam desprovidas de projetos políticos e societários ao descrever a revolução aqui tratada. Portanto, entender estes acontecimentos, relatados por Coggiola e comparar as perspectivas do O Globo revela-se significativo.

Palavras-chave: Revolução Iraniana; mídia; contra-hegemonia.

Introdução

As motivações iniciais que nos levaram a estudar este fenômeno, estabelecendo o respectivo recorte teórico-metodológico, se relacionam com o nosso interesse recente em compreender revoluções contemporâneas dos diversos povos. Dedicamos atenção à leitura de livros e vimos filmes que abordavam os costumes de povos africanos e asiáticos, assim como tratavam de revoluções como a cubana, africanas (Angola e Moçambique), além da própria revolução iraniana. Esta última chamou a nossa atenção pela grande complexidade envolvida nos desdobramentos que levaram ao processo revolucionário. Também o fato do Irã ter uma cultura muito distinta da brasileira, entendemos que era de grande valia aprofundar o conhecimento desta civilização.

Este trabalho tem como objeto estabelecer um panorama comparativo das notícias veiculadas no Brasil sobre a Revolução Iraniana. Em especial, será privilegiado o olhar sobre as notícias elaboradas em um veículo midiático brasileiro hegemonic (Jornal O Globo – sua versão digital) e as reflexões contra-hegemônicas de autores como Coggiola (2008).

O plano inicial de pesquisa era de confrontar o ponto de vista sobre a Revolução Iraniana das notícias de O Globo, dos Cadernos do Terceiro Mundo e de fontes secundárias. No entanto, objetivamente só tivemos condições de levantar algumas notícias de O Globo e de estudar uma fonte secundária, a saber, Osvaldo Coggiola (2008).

Dedicamos uma atenção especial aos aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, religiosos e as disputas de hegemonia em questão deste fenômeno social do Século XX.

A leitura de Coggiola (2008) permite constatar o quanto complexo foi o encadeamento da Revolução Iraniana. O Irã é um país que foi forjado através de inúmeros processos conflituosos de ocupações militares de diferentes processos civilizatórios e impérios, como o persa, o mongol e o russo, por exemplo. Apesar destas tensões, uma cultura milenar é marcante no país, o que revela aspectos importantes de resistência do povo iraniano. Também, distintas culturas permearam a construção deste atual Estado-nação, como a persa e a islâmica.

Coggiola (2008) resgata historicamente como diversos acontecimentos com conotação revolucionária estiveram presentes neste território desde a primeira metade do século XIX. Já no início do século XX, a Revolução Constitucionalista foi um fenômeno importante para impulsionar, posteriormente, a Revolução Iraniana.

Também mudanças econômicas (como o início da industrialização, a zona de influência inglesa, os conflitos societários com alguns os xás e etc.) e as consequentes tensões deste processo contribuíram para o desencadeamento revolucionário.

É perceptível que atores distintos (religiosos, xás, operários, partidos) com mediações diversas, ganharam destaque a partir do final de 1978, quando a revolução ganha fôlego. Coggiola (2008) demonstra como este acontecimento foi à primeira revolução televisionada (com cobertura em tempo real) da história humana.

Logo, as narrativas dos veículos de comunicação não estavam desprovidas de projetos políticos e societários ao descrever a revolução aqui tratada. Portanto, defendemos que entender estes acontecimentos relatados por Coggiola e comparar as perspectivas do O Globo é importante.

Em linhas gerais, ao coletar materiais empíricos, no acervo histórico do Jornal Impresso O Globo, tendo como foco as notícias de 1979 (de Janeiro) nos permitiu ter uma noção da forma pejorativa que a revolução iraniana foi abordada.

O objetivo geral da pesquisa foi comparar as notícias sobre a Revolução Iraniana a partir de informações do Jornal O Globo (digital) e de fontes secundárias contra-hegemônicas. Como objetivo específico, buscamos captar e discutir as mediações políticas, sociais, econômicas, culturais, religiosas e as disputas de hegemonia em questão.

Este trabalho é um estudo histórico de um fenômeno contemporâneo, dotado de mediações significativas e que sofre disputa no que se refere ao estudo historiográfico. Dentro deste processo, está guardada a sua justificativa.

Inicialmente, é levantada a hipótese de que a narrativa da grande mídia (hegemônica) mundial, tendo O Globo – como forte expressão no Brasil – tem por objetivo construir uma versão deste acontecimento que é reducionista em relação à riqueza deste processo. Além do mais, a conotação política que é dada por tais meios de comunicação, tendem aos objetivos imperialistas.

Coggiola (2008) demonstra como por vezes canais hegemônicos de comunicação se referem à Revolução Iraniana, como uma Revolução Islâmica (religiosa) meramente, tentando dissociar este acontecimento das mediações mais amplas (políticas, sociais, culturais e etc.) que ocorreu.

Por fim, ainda que este trabalho tenha um caráter sucinto e dotado de muitos limites objetivos, captar as distintas narrativas pode ser importante para a reconstrução historiográfica da Revolução Iraniana.

Referencial Teórico-Metodológico

O estudo foi feito por meio de consulta a fonte primária (as edições do jornal O Globo). E a fonte secundária elaborada por Coggiola (2008). Sobre a produção deste autor, fizemos um fichamento dos principais acontecimentos históricos e categorias do fenômeno.

A primeira aproximação empírica com a fonte primária nos ajudou a delimitar o ano de 1979 (ano da revolução) como um marco importante de análise. Especificamente, foi delimitado as notícias do mês de Janeiro. A metodologia de pesquisa consistiu em entrar na página do ano de 1979, depois ver qual era o editorial, constatando que havia notícia sobre o Irã, fomos até a matéria completa e sistematizamos as informações.

Neste ano notícias sobre a Revolução Iraniana, em curso, foram destaque de capas dos editoriais de O Globo. Devido à questão objetiva do tempo para pesquisa, utilizamos janeiro como parâmetro, o que já permite chegar a algumas conclusões, por meio de investigações e comparações entre a empiria das notícias e o debate teórico.

Foi adotado o referencial materialista histórico e dialético como perspectiva, tendo em vista que para captar as mediações sociais, históricas, culturais e políticas presentes, este método analítico possibilita estabelecer relações de totalidade, contradições e historicidade do objeto.

Diálogo com Coggiola

Até 1935 este país era conhecido como Pérsia, quando o xá Pahlevi denominou-o de Irã e assim seguiu. Pahlevi posteriormente se exilou e passou o poder para seu filho, Mohammed Reza Pahlevi.

O Irã tem muitas divisões (religiosas, étnicas e linguísticas). O maior grupo é composto por persas, depois vem os azéri, os gilaki, mazandarani, curdos, uma minoria árabe, além de outros grupos minoritários como baluches, lur e os turcomanos.

No final de 1978 o mundo começava a noticiar os acontecimentos do Irã, mostrando algo surpreendente, a tomada das ruas (das principais cidades) do país pelo povo, lançando vivas ao imã Khomeini e pedindo o fim da monarquia do xá Mohammed Reza Pahlevi. Era a primeira vez que o mundo noticiaava, ao vivo, uma revolução.

Apesar de Ruhollah Musavi Khomeini ser um líder espiritual, além de líder político e a revolução iraniana ter se pautado nos ensinamentos do profeta Maomé (no século VII), Coggiola (2008) entende que denominar este processo revolucionário como religioso é desconsiderar todas as raízes históricas e políticas do movimento popular. Para ele denominar de islâmica essa revolução é uma tentativa ideológica imperialista de dizer que o acontecimento foi reacionário.

Antes disso a grande mídia tratava o regime de Pahlevi como um oásis de modernidade no mundo árabe dotado de regimes belicosos. Em 1978 especialistas da CIA (Central Intelligence Agency) apontavam o regime como estável, com capacidade de durar mais uma década Coggiola (2008, p.19), no entanto, quatro meses depois o xá fugiu forçadamente por uma imposição popular revolucionária.

A história do Irã remete ao povo persa, além das influências árabes também. Este é um dos países mais antigos do mundo e sofreu sucessivos golpes e invasões, o que possibilitou, dentre outras questões, a fusão dialética da cultura persa com a árabe. Foram muitos os povos que invadiram o Irã, isso também viabilizou a formação de sujeitos revolucionários, como o movimento bahai, que em meados de 1844 impulsionou revoltas, a exemplo do conflito com o governo relacionado à concessão a empresa britânica de tabaco (Coggiola, 2008, p. 25-26).

O país também promoveu outros levantes contra governos que vendiam o país, a exemplo do confronto com o xá Nasir-Al-Din. Isso gerou a formação de movimentos nacionalistas que depois fizeram a Revolta do Tabaco. Depois, insatisfações em relação ao petróleo (já por volta de 1901) também promoveram tensões sociais relevantes. Outro momento que merece destaque é a revolução constitucionalista, em 1905.

Esta teve como pano de fundo o conflito entre Japão e Rússia, quando o Japão (único poder constitucional asiático) derrotou os russos. Criou-se, de um modo geral, no Irã o entendimento de que a constituição pode viabilizar muitas coisas. Em 1906, a monarquia foi obrigada a implantar reformas constitucionais e também concedeu alguns direitos democráticos, como uma limitada liberdade de expressão, de associação e de reunião. (Coggiola, Ibidem, p.28)

Em 1908 teve início a extensa produção de petróleo, o que também gerou a penetração das relações capitalistas no país. Em 1920, a indústria empregava 20 mil trabalhadores, no ano de 1940 eram 31.500. Desse modo o operariado teve acesso a ideias marxistas.

Contudo o desenvolvimento nacional se deu por lá de forma desigual, em que algumas cidades tinham uma produção industrial grande e outros lugares nem tinha energia elétrica.

Antes da revolução o xá Mohammed Reza Pahlevi representava um fantoche europeu no Irã, acatando as pautas externas. Com o fim da segunda guerra mundial, viu-se o crescimento da influencia dos EUA na região (por meio da doutrina Truman).

Diante das desigualdades sociais e condições de trabalho precárias, movimentos nacionalistas cresceram e aumentaram a pressão diante do ainda presente interesse britânico.

Isto culminou na eleição, Majilis (parlamento), de Mohammed Mossadegh como primeiro-ministro (líder do grupo parlamentar nacionalista e próximo à hierarquia islâmica xiita). O Majilis foi a favor da nacionalização da indústria petroleira. Assim Mossadegh executou, o que lhe rendeu enorme aceitação política, em 1951, o seu apoio beirou os 100%. No entanto, Mossadegh apresentou contradições políticas, pois manteve determinadas organizações em situação de semi-clandestinidade, não fez a reforma agrária, não melhorou as condições da população e fez uma lei de interdição de greve. Isto ajudou a estremecer o clima social para com o governo, posteriormente.

Os ingleses não aceitaram a decisão de Mossadegh (de nacionalização) e conspiraram contra ele. Os EUA, em nome da autodeterminação dos povos e camuflando seus interesses em aumentar a influencia no Irã, apoiou Mossadegh, o que gerou uma aproximação entre essas nações.

Com o acirrar da guerra fria, os EUA viram a sua influência nessa zona petrolífera ser ameaçada e começaram, junto com os ingleses a financiar o clima de instabilidade social e política no Irã. Em 1953, o primeiro-ministro então foge. O fato foi noticiado como um movimento popular que derrubou Mossadegh, mas anos depois veio à tona a chamada Operação Ajax, que evidenciou o golpe construído pela CIA.

O xá Pahlevi passou a governar então como um ditador, o que caracterizou uma mudança de regime. Após um golpe, uma ditadura. O xá acumularia a função de governo e reinante. O país passou de uma monarquia constitucional para uma ditadura monárquica e foi assim até a revolução de 1979.

Antes da revolução, os anos 1960 foram marcados ainda pela forte desigualdade do país, já citada anteriormente. Greves e constantes ebullições sociais eram corriqueiras e também a opressão, inclusive com mortes, não foram pontuais. A Savak (espécie de polícia política secreta) operava brutalmente.

Como resposta, o xá Pahlevi fez uma espécie de “revolução branca”, que segundo Coggiola (*Ibidem*, p. 45) continha uma proposta de reforma agrária, mas que beneficiava poucos. Medidas educativas e sanitárias, além de uma política de desenvolvimento (própria da época⁴). Também o governo passou a investir mais em tecnologia militar de ponte e pouco no social. Para completar o quadro problemático, o governo do xá aprovou uma projeto de lei (laico e pluralista) para conselhos das cidades e províncias. O uso do véu pelas mulheres foi proibido, ouve censura ao clero e etc. Tudo isso gerou uma imagem negativa do xá, que foi pensado como inimigo do Islã.

Vale ressaltar que até então a constituição do Irã ordenava a todos eleitos no parlamento que seguissem o Islã e esse projeto de lei alterava isso, abrindo possibilidade para outras juras sob escrituras sagradas além do Corão.

Foi quando o imã Khomeini começa a ganhar destaque político, pois ele protestava contra isso e angariava boa opinião da população do país. Todavia ele foi perseguido e preso em 1963.

Khomeini apontava que o ocidente o chamava de reacionário, assim como seus simpatizantes, pois eles eram contra as reformas. O argumento ocidental é que eles queriam um país religioso, arcaico e etc. No entanto, o que o ocidente e o xá Pahlevi demonstravam era uma evidente afronta a soberania do povo iraniano. Em 1964 a lei é aprovada.

Em todo esse contexto, dos anos 1960 e 1970, com a criação da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), o xá Pahlevi aproveitava a movimentação de capitais no país para se consolidar no poder e esbanjar sua riqueza. Enquanto isso a repressão à esquerda continuava e crescia movimentos de guerrilha. Ao mesmo tempo o povo também se

⁴ Elemento também visto bastante na América Latina, como apontou bem Celso Furtado, Florestan Fernandes, Chico de Oliveira, dentre outros.

inquietava diante das desigualdades incessantes (aumento da inflação para o povo e agora para classe média, grande êxodo rural, crise na produção de alimentos) e da ostentação do xá.

Os anos 1970, o Irã chegou a ver um crescimento de 41,6% do PIB, mas em 1976 houve um projeto de ajuste econômico e o fim do plano de desenvolvimento chegou. O xá também continuou sua linha de ataque ao Islã, reivindicando o legado persa. Foi banido o calendário islâmico lunar, sendo substituído pelo calendário solar.

A classe operária que resistia desde as derrotas anteriores se irritaram ainda mais com a elevação do desemprego, com a diminuição de salários. Greves então ocorreram novamente com veemência.

Ao mesmo tempo, mas mesquitas um movimento organizado ocorria denunciando as mazelas do ocidente para com o Islã. A junção desses fatores gerou as condições para uma ascensão revolucionária.

Vale ressaltar que os pobres que agora chegavam mais nas cidades, eram em geral mais religiosos e menos ocidentalizados.

Em 1978, quando o Irã chegou a gastar 25% do seu PIB com armamentos, até mesmo o ocidente (em especial os EUA passavam a olhar Pahlevi com cautela). Juntando a conjuntura interna de repressão, acirramento nas condições sociais, má distribuição de renda, choque cultural intenso, o movimento revolucionário ganha ainda mais consistência, com as grandes greves, sobretudo a greve geral dos trabalhadores do petróleo. Coggiola (Ibidem, p.67) revela que nesse ano, 90% da população ficou contra o governo Pahlevi.

O operariado adquire papel significativo nas mobilizações, o que leva a setores moderados (burgueses) a adotarem um programa semisocialista. (Coggiola, Idibem, p.69).

Coggiola (Idbem, p. 70-71) destaca o papel teórico e político de Ali Chariati que reinterpretou o Islã de forma “terceiro-mundista”, enaltecedo o papel cultural dessa perspectiva civilizatória, juntando com a força política transformadora da juventude, a luta operária e um projeto anti-colonialista para o país, oriundo das massas. Via, em linhas gerais, na capacidade do livre arbítrio que Deus deu ao homem uma forma de estar perto de Deus. O Islã permitiria isso aos homens. Inclusive, que pode levar ao homem se rebelar. Para Coggiola isto foi uma síntese vital para o sucesso da revolução iraniana.

O xá ainda tentou adotar medidas constitucionais, liberou presos políticos, mas já era tarde. O povo aclamava por Khomeini, ainda exilado no Iraque e rejeitava o xá. Então em 16 de Janeiro de 1979 o xá se vê forçado a abandonar o país. Ele passa o comando do Majilis para o primeiro-ministro Chapour Bakhtiar que não contém a força revolucionária. Os EUA tentam intermediar uma forma de conter o levante. Bakhtiar se comprometeu a substituir a

monarquia por uma república, mas com a chegada de Khomeini do exílio o processo político ganha contornos de revolução popular. Este, amplamente legitimado pelo povo, foi reconhecido como o grande líder da revolução iraniana, que construiriam a república islâmica.

A linha política adotada pelo líder dói de crítica ao governo de Bakhtiar, aos EUA também. Reivindicou os valores islâmicos. Até 11 de Fevereiro, as forças armadas foram a última trincheira da revolução, quando se renderam à luta popular. Bakhtiar a essa altura sumiu.

Depois o exército, a savak e o Majilis foram dissolvidos. Muitos embates não menos relevantes ainda ocorreram na transição de poder e do regime político (a cima de tudo com os EUA). Em Dezembro, enfim, uma nova constituição teocrática foi estabelecida, representando a vitória total da revolução iraniana.

Pesquisa no acervo de O Globo

Em 02 de Janeiro de 1979, a capa do jornal priorizava como notícia do Irã a escolha de Khomeini dos nomes para o governo. Há uma ênfase de que ele era um líder religioso xiita. Os focos dessa matéria são os conceitos de: religião, xiita (radical), violência (mortes em massa, tensão, clima de terror), fuga de estrangeiros. Noticiou-se um ponto de vista da URSS, de que os EUA estariam fazendo informações falsas sobre a situação do Irã.

04 de Janeiro de 1979, a capa traz uma chamada dizendo que o Irã pede a volta do líder religioso Khomeini.

Na página 21, há uma reportagem que relata que o então primeiro-ministro Baktiar está adotando medidas mais alinhadas com o processo revolucionário, como deixar de ser a polícia do golfo, vai suspender o toque de recolher, a censura a imprensa. Traz uma fala dele dizendo que não haverá golpe militar, que isso é coisa de América Latina. Ao tratar de uma manifestação ocorrida há poucos, o jornal enfatizou que esta foi pacífica. O jornal relata uma fala de um secretario dos EUA atacando Khomeini, chamando-o de comunista. É destacado a fuga dos estrangeiros (com destaque inclusive no título). Comentários sobre as consequências negativas da agitação político-social na economia é priorizado também.

Outra manchete alega que o xá Pahlevi foi atacado, porém sem explicar mais detalhes dos motivos e etc. Entrevistam um guarda da família que retrata que o clima era de ataque de campo de batalha.

Também O Globo cita a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), em que esta preza pela não interferência no Irã.

Neste mesmo dia, na página Mundo, tem um pequeno texto que fala da conjuntura do planeta nesse ano e alerta para os perigos econômicos, em relação ao preço do petróleo, impulsionado pelo Irã. A fala evidenciada é do presidente dos EUA Carter, premier da Grã-Bretanha, da Alemanha Ocidental e França.

Em *07 de Janeiro de 1979* a primeira capa traz uma imagem de Pahlevi com Chabout Bakhtiar. Na chamada do texto, há uma fala de Pahlevi que alega cansaço e que deve viajar a descanso. Algo interessante é uma fala de Pahlevi dizendo que espera, com a ajuda de Alá e dos preceitos do alcorão, que a situação se normalize. Também tem um parágrafo com a fala de Khomeini orientando o povo a não aceitar o governo de Chabout Bakhtiar. Assim como será necessário lutar pela derrubada do xá.

Na página da reportagem, há uma ênfase da fala de Khomeini falando da necessidade de lutar até o final da luta revolucionária. Ele argumentou que o governo não deve ser reconhecido.

Um parágrafo é voltado para mostrar o alinhamento de Khomeini com a Palestina e não com Israel.

09 de Janeiro de 1979 é destacado na página, uma fala de Khomeini, que fala da não submissão do Irã à URSS. Assim como é enfatizado que o Irã continuará vendendo petróleo a qualquer país de se interessar e por um preço justo. A ênfase maior da abordagem é econômica, particularmente, sobre petróleo e venda para o exterior.

No final aparece algo interessante que é o flerte da oposição burguesa com o projeto islâmico no Irã. Alegando que o país será islâmico.

Abaixo uma chamada fala que manifestações ameaçam o gabinete. A tônica então da reportagem é que a manifestação foi violenta.

As demais reportagens seguem uma linha parecida, enfatizamos essas para traçar um breve panorama.

Considerações finais

A leitura de Coggiola (2008) nos deu subsídio para entender a complexidade, os desdobramentos históricos, o contexto da revolução iraniana e as principais características sociais, políticas, econômicas e culturais do país.

Nas notícias de O Globo, por sua vez, há um reducionismo no trato deste fenômeno. As categorias-chave utilizadas para desmoralizar o debate são: religião, xiita (radical),

violência (mortes, tensão, clima de terror), fuga de estrangeiros, terror econômico (não vai importar petróleo...).

Como foi abordado no início do texto, pretendíamos ter analisado um recorte temporal maior nas notícias de O Globo, mas as condições objetivas só nos permitiram o mês de Janeiro de 1979. Assim como não conseguimos comparar as manchetes deste jornal com as dos Cadernos do Terceiro Mundo. Todavia, a comparação entre a teoria histórica de Coggiola e as manchetes que tivemos acesso já foram pertinentes para captar uma dimensão do processo complicado que é a formação de opinião no Brasil, por meio de um veículo hegemônico ao tratar de um acontecimento altamente popular, transgressor e não alinhado com o pensamento ortodoxo ocidental.

O social, nas notícias de O globo, os fundamentos da revolução não foram pautas centrais. Havendo uma prioridade em abordar as conseqüências negativas da revolução na economia.

Referências

Acervo Histórico digital de O Globo.

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo. Editora UNESP. 2008.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo. Boitempo, 2007.